

Após a retração da produção física industrial em cerca de 4,5% no ano de 2020, marcado pela pandemia e a compressão exercida na atividade econômica mundial; entre janeiro e agosto de 2021 a elevação foi de 9,2%, segundo a Pesquisa Industrial Mensal (PIM) do IBGE. No Estado de São Paulo, enquanto em 2020 a produção física da indústria retraiu 6,0%, os primeiros 8 meses deste ano apontam uma elevação de 12,6%.

Contudo, ao observarmos o comportamento deste ao longo dos últimos anos, desde 2015 a produção física da indústria está abaixo da média para o intervalo entre janeiro de 2002 e agosto de 2021. O que é corroborado com a queda no PIB da Indústria de transformação em cerca de 15% no Brasil entre 2011 e 2020, apontado na última edição deste Boletim.

Para uma avaliação qualitativa do movimento de transformações do setor industrial nas últimas décadas, é pertinente considerar também que o setor tem se concentrado em setores de menor complexidade. Segundo dados da Pesquisa Industrial Anual (PIA) do IBGE, em 1998 cerca de 35% do Valor de Transformação Industrial (VTI) era proveniente de setores de média alta e alta intensidade tecnológica, de acordo com a metodologia de classificação da OCDE. Em 2019, último ano de divulgação da PIA, apenas 25% do VTI foi proveniente de setores de média alta e alta intensidade tecnológica. Seguindo a comparação entre os mesmos anos, a participação dos setores de média baixa e baixa intensidade tecnológica aumentou de 47% para 61% do VTI.

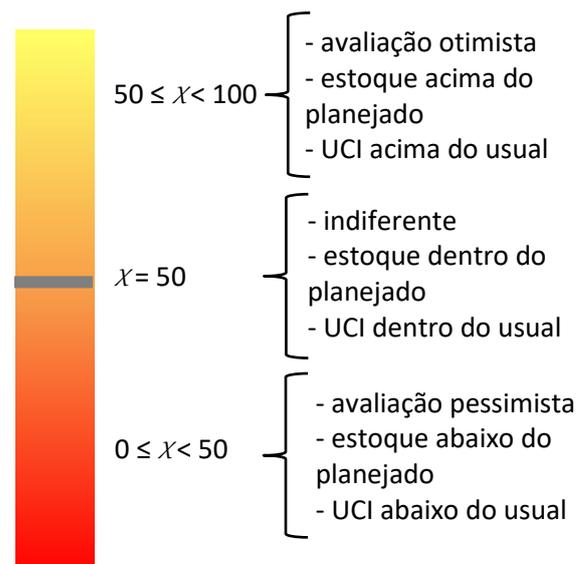
Como uma das consequências, o setor industrial ampliou sua dependência às importações de insumos produtivos, bem como retrocedeu a trajetória

de absorção tecnológica do terceiro quarto do século XX, o que pode se traduzir em maior vulnerabilidade do setor produtivo local. Entre o início da década de 2010 e de 2020 o Brasil piorou sua posição tanto no índice global de inovação quanto no índice global de competitividade.

As páginas a seguir trazem alguns resultados da Sondagem Industrial (SI) e do Índice de Confiança (ICEI), elaborados e divulgados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) no Estado paulista. A Universidade Metodista de São Paulo, por meio do Observatório Econômico, realiza desde março de 2016 um recorte regional da indústria do Grande ABC em parceria com CNI e FIESP.

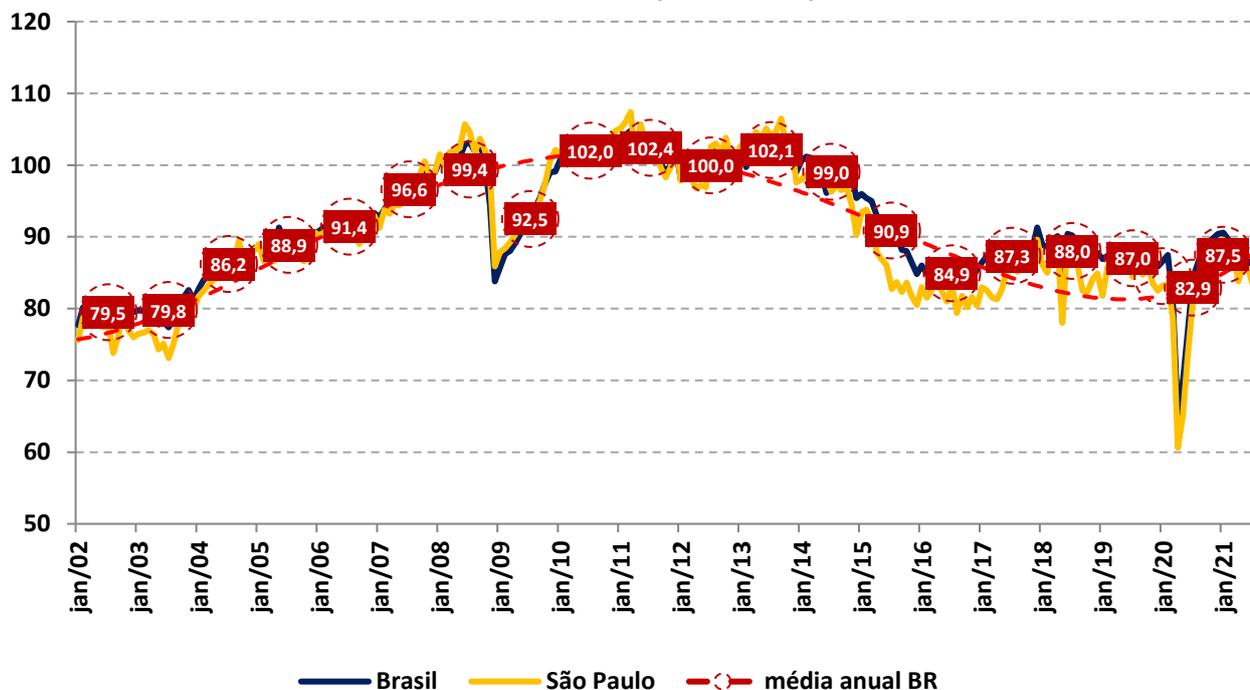
O indicador para cada item questionado na pesquisa é formado a partir da ponderação das respectivas frequências relativas das respostas, que apresentam escores iguais a 0; 25; 50; 75 e 100.

Ao realizarmos a análise dos resultados, temos que considerar a seguinte regra, considerando o escore X :



Redução no ritmo de recuperação da atividade produtiva

Pesquisa sobre Produção Física Mensal na Industrial - IBGE
(2012 = 100)



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal/IBGE

Entre janeiro e agosto de 2021 a produção física industrial cresceu 9,2% na indústria geral e 10,4% na indústria de transformação no Brasil, segundo dados da PIM/IBGE. No estado de São Paulo o aumento registrado foi de 12,6% em ambos setores.

Os setores de maior destaque positivo no Brasil foram fabricação de veículos automotores (42,6%), após expressiva queda em 2020 (-28,2%), acompanhado dos setores de máquinas e equipamentos (36,8%), confecção de artigos de vestuário (31,3%), fabricação de produtos têxteis (25,5%) e metalurgia (25%). Em 2020, o segmento

de confecção de artigos de vestuário também apresentou retração significativa (-23,7%).

Do outro lado, as maiores quedas de produção física acumulada neste ano foram registradas no segmento de fabricação de produtos alimentícios (-6,9%) e de produtos de limpeza, higiene e cosméticos (-4,6%).

No Estado de São Paulo chama atenção o comportamento destoante do apresentado em nível nacional a retração observada no segmento de outros equipamentos de transporte, exceto veículos (-17,1%) e de fabricação de farmoquímicos e farmacêuticos (-22%).

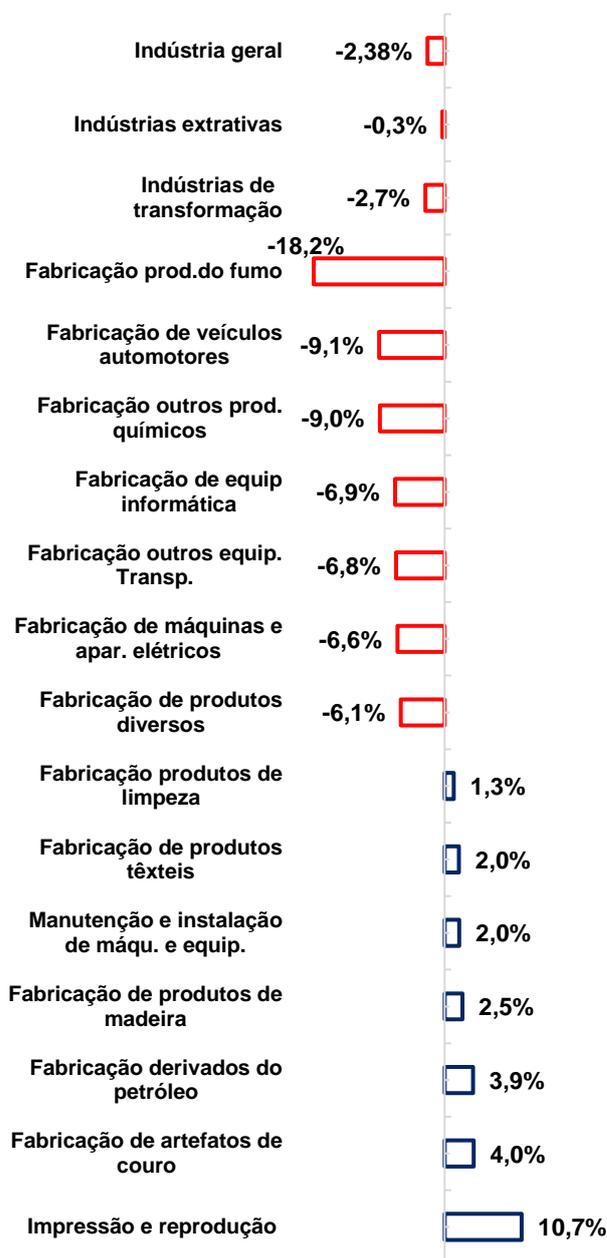
Apesar do resultado positivo acumulado na indústria geral e de transformação até agosto, no trimestre entre junho e agosto de 2021 a produção física industrial no Brasil recuou 2,38%, segundo dados da PIM/IBGE. No Estado de São Paulo o recuo foi de 3,19% no trimestre referido.

Com um recuo de 2,7% na produção física da indústria de transformação. Com variações assimétricas entre os diferentes setores no trimestre junho a agosto, as maiores retrações nos setores com expressiva geração de valor adicionado ocorreram na fabricação de veículos automotores, outros produtos químicos, equipamentos de informática, outros equipamentos de transporte e de máquinas e aparelhos elétricos, como pode ser visto no gráfico ao lado. A principal causa a abater estes setores está relacionada à escassez de alguns insumos produtivos, custo de importação e ao estrangulamento logístico no mercado internacional. A queda expressiva na fabricação de produtos de fumo tem como grande fator explicativo a queda do número de famílias e da área cultivada na safra 2020/2021.

Na outra ponta, as principais altas acumuladas no trimestre em questão estão atreladas à cadeias de produção menos complexas, como têxteis, madeira, couro, limpeza e derivados de petróleo, além de impressão e reprodução. Todos estes menos dependentes da importação de insumos e menos sujeitos aos fatores que tem impactado sobre estas operações.

Como reflexo desta redução, o indicador de atividade econômica do Banco Central IBC-R recuou em agosto, assim como as estimativas dos analistas de mercado para o PIB e a produção industrial, divulgadas no relatório FOCUS, vem recuando.

Produção Industrial no Brasil
Variação acumulada entre jun e agosto 2021 -
com ajuste sazonal



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal / IBGE

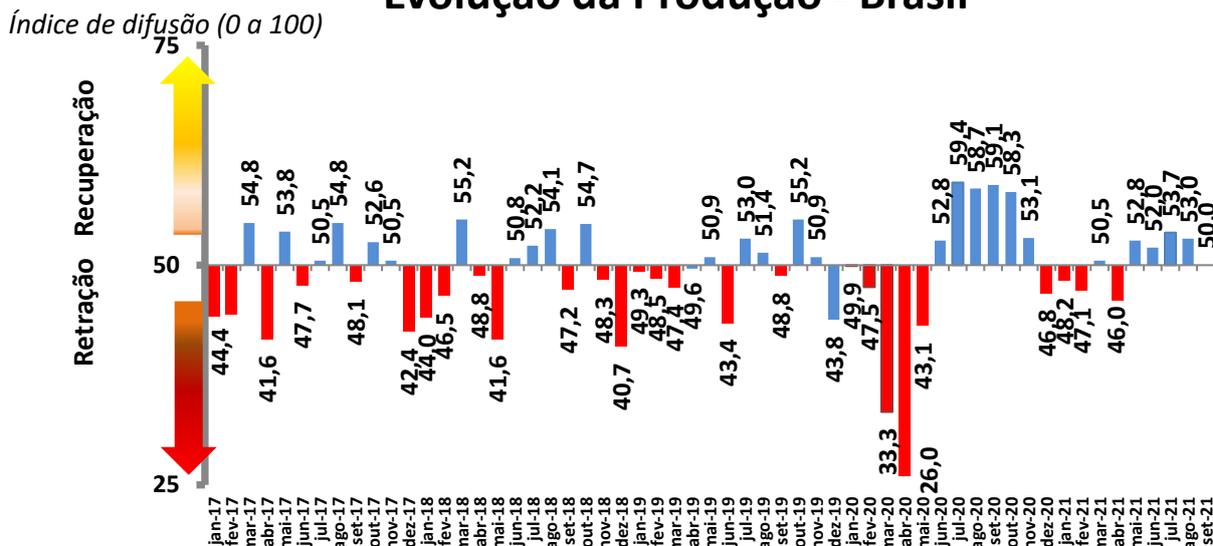
Sondagem Industrial – Região do Grande ABC

O índice de difusão mensal para a evolução da produção industrial, em comparação com os meses imediatamente anteriores, aponta que após severa queda entre fevereiro e maio de 2020, observou-se um ciclo de recuperação entre junho e novembro, seguido de um ciclo de desaceleração entre dezembro e abril. Ciclo este que demonstra um componente sazonal.

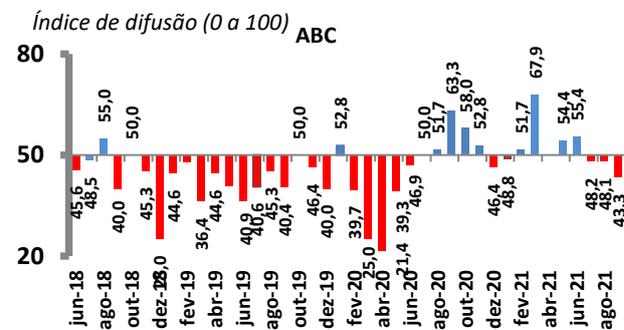
No intervalo entre maio e setembro, os industriais apontaram melhora na produção comparativamente aos meses imediatamente anteriores, com desaceleração após junho.

Esta queda de ritmo pode ser reflexo da queda na produção física apurada pela PIM/IBGE tanto na decisão quanto na percepção dos gestores industriais que compõem a amostra da Sondagem Industrial.

Evolução da Produção - Brasil



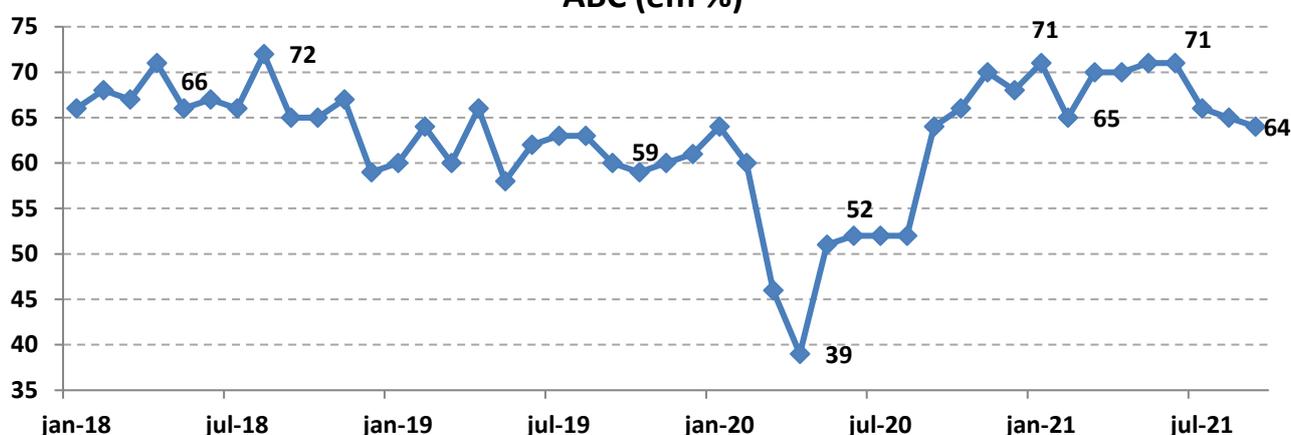
O setor industrial instalado no Grande ABC, registrou um período de retração mais curto, entre dezembro e janeiro últimos, após recuperação da produção industrial apontada nos meses do segundo semestre de 2021. Contudo, no trimestre entre julho e setembro, os industriais tem apontado queda no volume de produção.



Um dos fatores explicativos para esta retração reside no fato da indústria da região estar fortemente atrelada aos setores que, segundo dados da PIM, já apresentara queda na produção física entre junho e agosto deste ano, segundo dados da PIM/IBGE, visto na página 3.

Neste mesmo sentido, cabe observar a ampliação da capacidade ociosa na indústria da região após o mês de junho. O que reflete redução no ritmo de produção.

Utilização de Capacidade Instalada
ABC (em %)



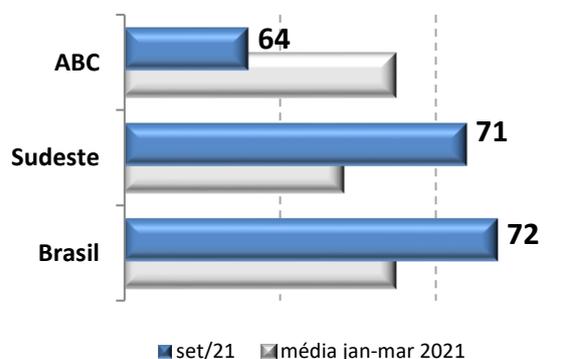
No Grande ABC, a utilização da capacidade instalada ficou em 64%, após ter permanecido em torno de 69% no primeiro semestre do ano.

Comparativamente à média do primeiro trimestre do ano, houve um recuo de cerca de 5 pontos percentuais da utilização da capacidade instalada em setembro na indústria do Grande ABC. Na mesma comparação, a utilização da capacidade instalada na indústria do Sudeste e do Brasil se ampliaram cerca de 4 pontos percentuais. O que sugere um comportamento destoante da indústria local nos últimos meses.

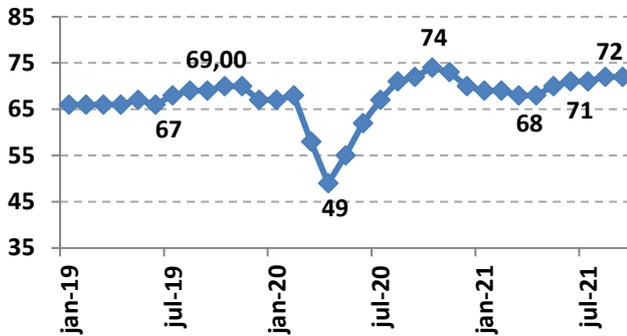
Esta diferença pode ser explicada, possivelmente, pelo maior impacto da indústria provocado pela escassez e custo de importação de insumos e pela elevação do custo da energia elétrica.

Os gestores das empresas da região revelaram, com maior frequência que a média da amostra do país, estarem as questões apontadas no parágrafo anterior, entre os maiores problemas atuais enfrentados pelo setor.

Utilização da Capacidade Instalada -
Set /2021 (em %)



Utilização de Capacidade Instalada
Brasil (em %)



No plano nacional, apesar do setor industrial apresentar elevada ociosidade, não houve diminuição na utilização da capacidade instalada nos últimos meses, apesar das dificuldades enfrentadas.

Quanto ao número de empregados, após forte diminuição no número de empregados no auge da retração produtiva provocada pela pandemia, no primeiro semestre de 2020 em especial, a sondagem

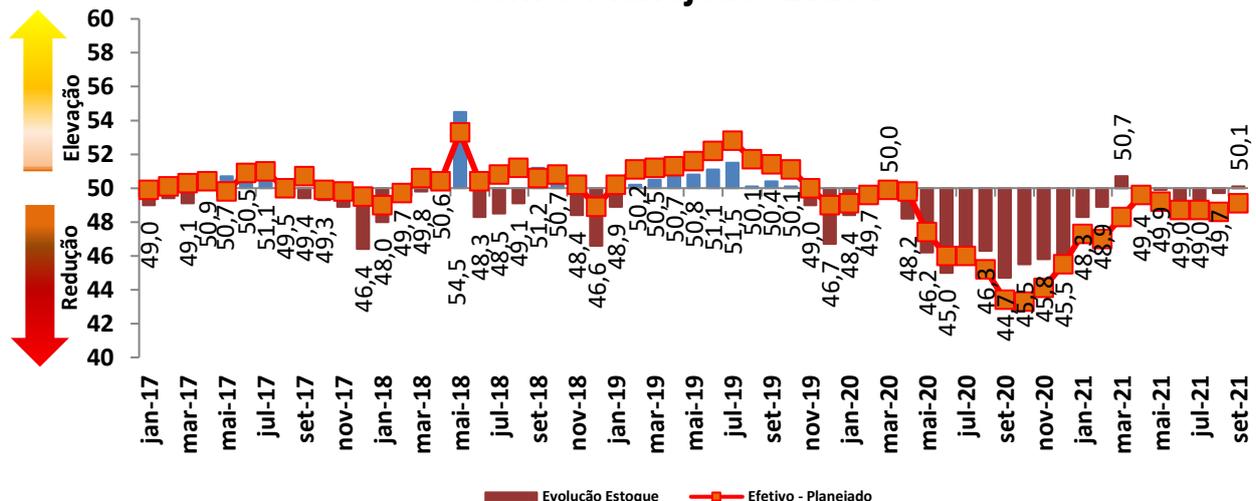
industrial no plano nacional passou a apontar elevação no número de empregados no setor.

Este comportamento também se repetiu no Grande ABC, embora de forma menos intensa.

As estatísticas do mercado formal de trabalho do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) apontam uma perda de mais de 264 postos formais de trabalho na indústria no 1 semestre de 2020, fechando o respectivo ano com saldo positivo de mais de 86 mil postos de trabalho no setor. Em 2021, a indústria registra 545 mil novos postos formais de trabalho até setembro. No Grande ABC,

No primeiro semestre de 2020 houve perda de 9.314 empregos formais no setor, fechando o ano com saldo negativo de 6.791. Em 2021, o resultado acumulado até setembro registra um saldo positivo de 7.628 empregos formais na indústria.

Evolução dos Estoques Efetivos e sua comparação
com o Planejado Brasil



Ao longo dos meses de 2021 observa-se uma pequena redução tanto do volume de estoques

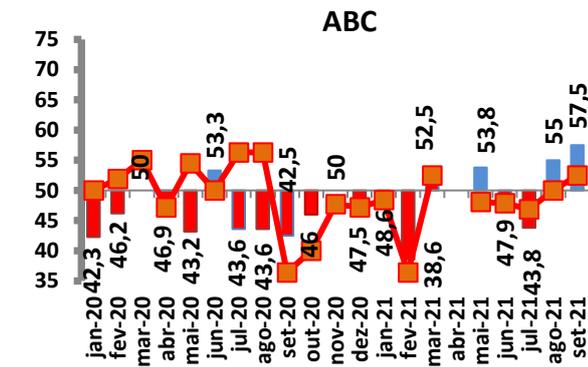
efetivos quanto dos estoques efetivos comparados ao planejado. O que indica a continuidade do

ajustamento do ritmo de produção em um cenário de moderada retomada econômica, escassez de oferta de insumos produtivos no mercado internacional e consecutiva elevação dos preços, acompanhado de demanda interna ainda insuficiente, segundo avaliação dos industriais.

insuficiente para absorver a produção, e ou uma aceleração do ritmo de retomada da produção e recomposição dos estoques no setor.

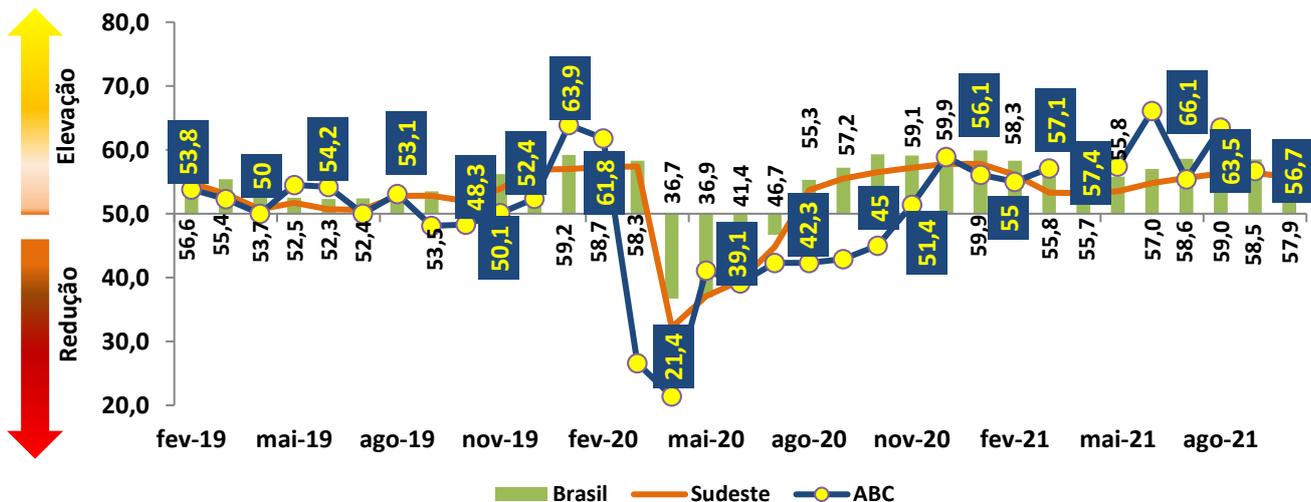
Os meses de 2021 registram uma retomada na intenção de investimento, comparativamente aos meses anteriores no setor industrial. Dada a ampla capacidade ociosa no setor, estes miram, em especial, a reorientação de estratégias e processos em meio aos desafios do atual período de retomada da atividade produtiva.

Segundo os dados das Contas Nacionais trimestrais divulgadas pelo IBGE, enquanto nos três últimos trimestres de 2020 a Formação Bruta de Capital Físico diminuiu no acumulado em 12 meses, no primeiro e segundo trimestres de 2021 a Formação Bruta de Capital Fixo aumentou 2,0% e 12,8%. Ainda assim, a taxa de investimento no 2º semestre do ano foi de apenas 18,2% do PIB, embora superior aos trimestres anteriores.



O setor industrial do Grande ABC apresentou nos últimos dois meses elevação dos estoques efetivos da sua ponderação frente ao planejado, o que pode refletir o efeito da fraca demanda,

Intenção de Investimento pela Indústria



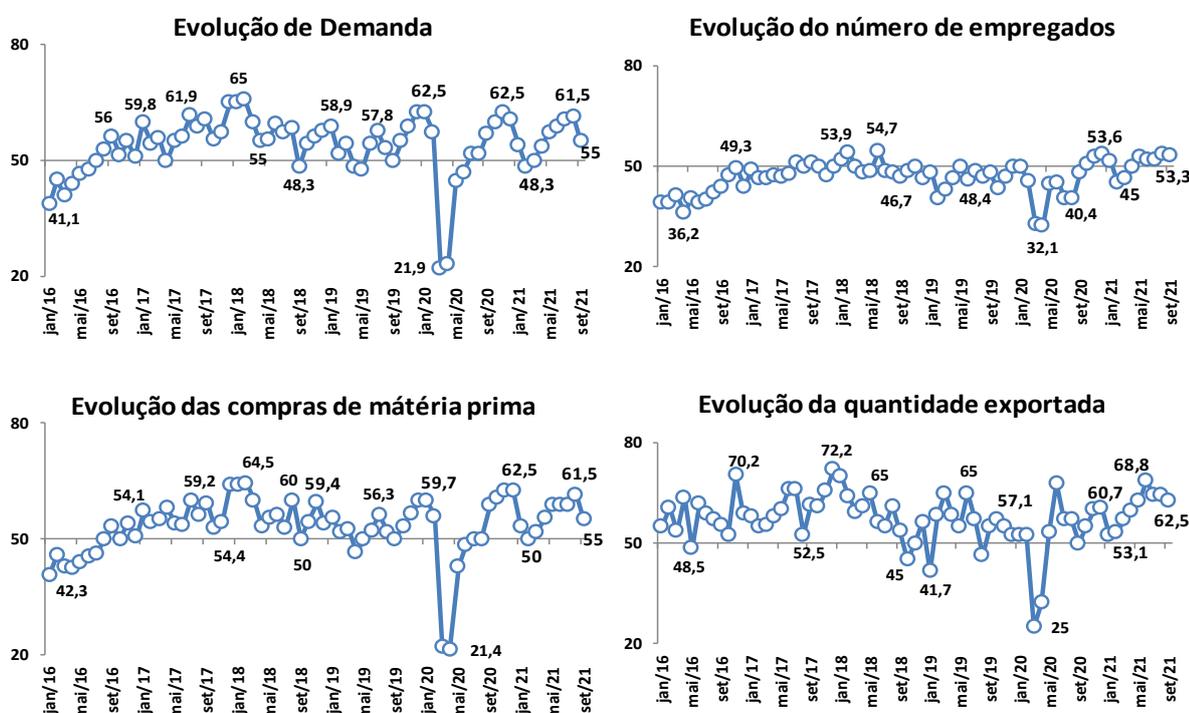
Pontuamos em edições anteriores que experiências internacionais demonstram que sem uma política produtiva eficiente do governo o impulso à formação bruta de capital fixo mostra-se menos elástica. Em especial no momento de retomada da atividade econômica após significativa retração provocada pela pandemia.

Os pacotes e iniciativas de fomento à retomada da atividade econômica dos EUA, União Europeia, Japão, China, entre outros países.

Diante do cenário econômico nacional, em especial, envolto na elevação dos preços puxado por fatores de custos, como energia, combustíveis e insumos produtivo, as perspectivas apresentadas pelos industriais do Grande ABC recuaram no último mês.

No primeiro semestre de 2021 houve melhora nas perspectivas locais do setor quanto à evolução da demanda (interna), das exportações e da compra de matérias primas. Contudo, no mês de setembro registrou-se queda nas perspectivas de demanda (interna), o que pode estar refletindo a redução das expectativas de crescimento da economia para este ano. Entre os fatores explicativos estão a dificuldade de ajuste fiscal do governo para recuperar a capacidade de investimentos, a perspectiva de ampliação dos juros básicos da economia e quebra de expectativa frente a dificuldade de colocar o novo programa de auxílio às famílias mais vulneráveis, que poderia injetar recursos na economia.

ABC
Perspectivas do Setor Industrial



Quanto às perspectivas para o volume de exportações, de um lado a taxa de câmbio com o R\$ desvalorizado encarece a importação de insumos produtivos, agravado pela escassez dos mesmos no mercado internacional, de outro lado esta taxa de câmbio torna o preço das exportações brasileiras mais competitivas no mercado externo. Entretanto, nos últimos três meses os industriais locais tem reduzido as perspectivas de sua evolução.

Apesar da reversão de perspectivas que vinham em uma trajetória mais otimista, quanto à condição financeira as industriais do Grande ABC apontaram melhora, comparativamente aos resultados revelados no início de 2021.

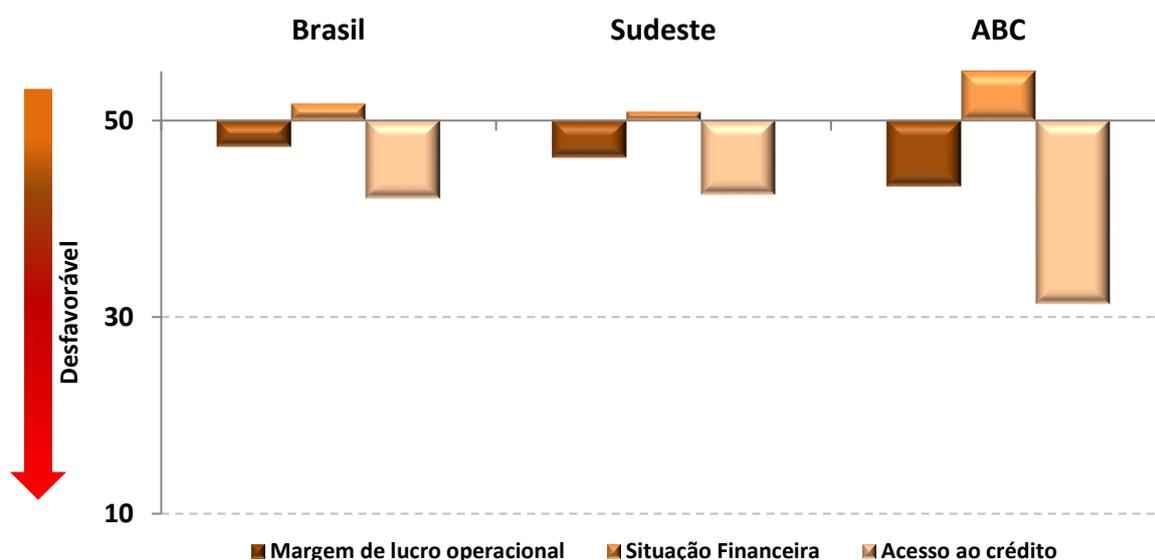
A Sondagem Industrial registrou no mês de setembro, tanto para o recorte nacional quando no Sudeste, piora nas condições financeiras quando

comparada ao início de 2021. Quando comparada à setembro de 2019, antes da pandemia, os resultados revelam melhora nos três indicadores apontados no gráfico abaixo.

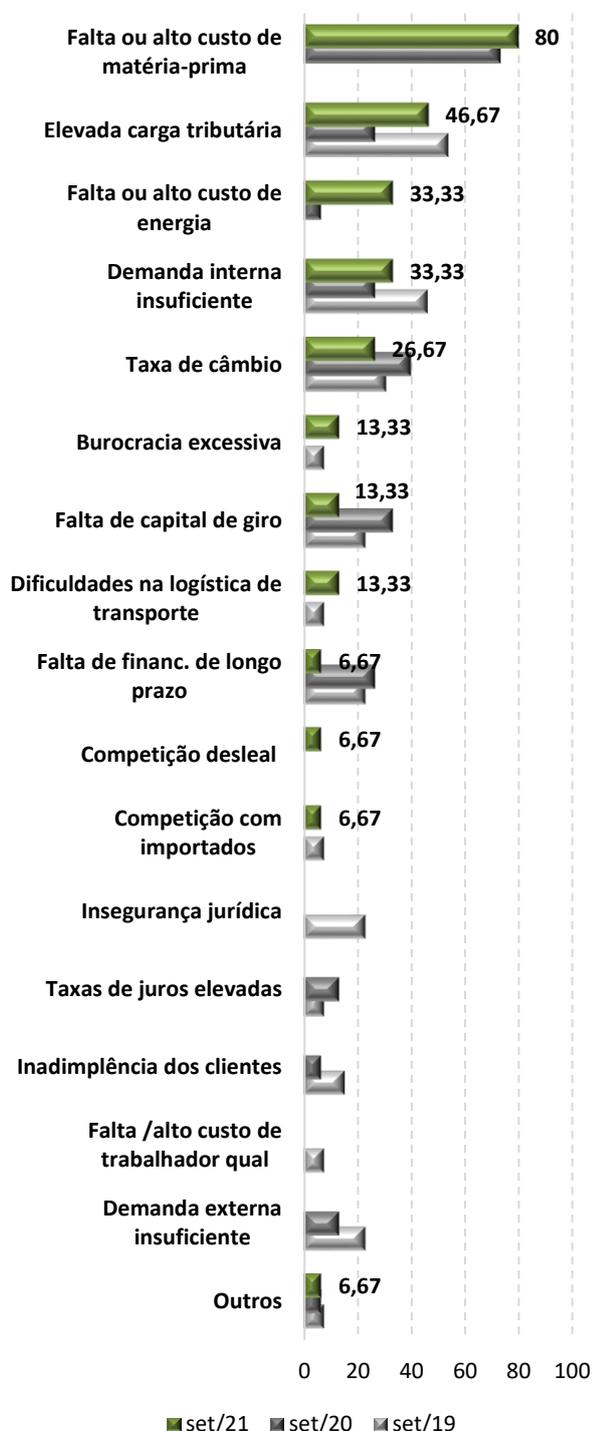
No Grande ABC, quando comparado à setembro de 2019, a avaliação do setor quanto à margem de lucro operacional continua praticamente estável, acompanhada de significativa melhora da situação financeira, como capital de giro e liquidez. Contudo, na comparação entre setembro de 2021 e de 2019, os gestores do setor apontaram significativa piora nas condições de acesso ao crédito.

É essencial destacar que as diferenças na avaliação das condições financeiras nos diferentes recortes estão intimamente ligadas às diferenças de composição setorial das economias regionais.

Condição Financeira das Empresas - setembro 2021



Principais Problemas ao Setor Industrial do GABC



Em setembro de 2019 (barra mais clara do gráfico), a falta ou alto custo de matéria-prima e de energia não apareciam entre os principais problemas enfrentados pelo setor industrial no Grande ABC. O que revela a ampla mudança de cenário enfrentada pelo setor.

A elevada carga tributária sobre o setor produtivo, em especial em um momento de retomada da atividade produtiva, mostrou maior frequência no rol de problemas destacados pelos gestores. O que revela os efeitos deste crônico problema para a atividade produtiva, e ao que tudo indica sem perspectiva de melhora, apesar dos discursos reformistas.

A demanda interna insuficiente reflete de um lado um mercado de trabalho com mais de 14 milhões de trabalhadores desempregados e uma retração de cerca de 8% na massa de renda real circulante na economia, comparado ao final de 2019. De outro, como dito nas páginas anteriores, a dificuldade orçamentária do governo de aprovar estruturar o novo programa de auxílio às famílias mais vulneráveis, o que poderia trazer uma injeção de recursos ao mercado interno e algum alívio à demanda interna, ainda que pequeno.

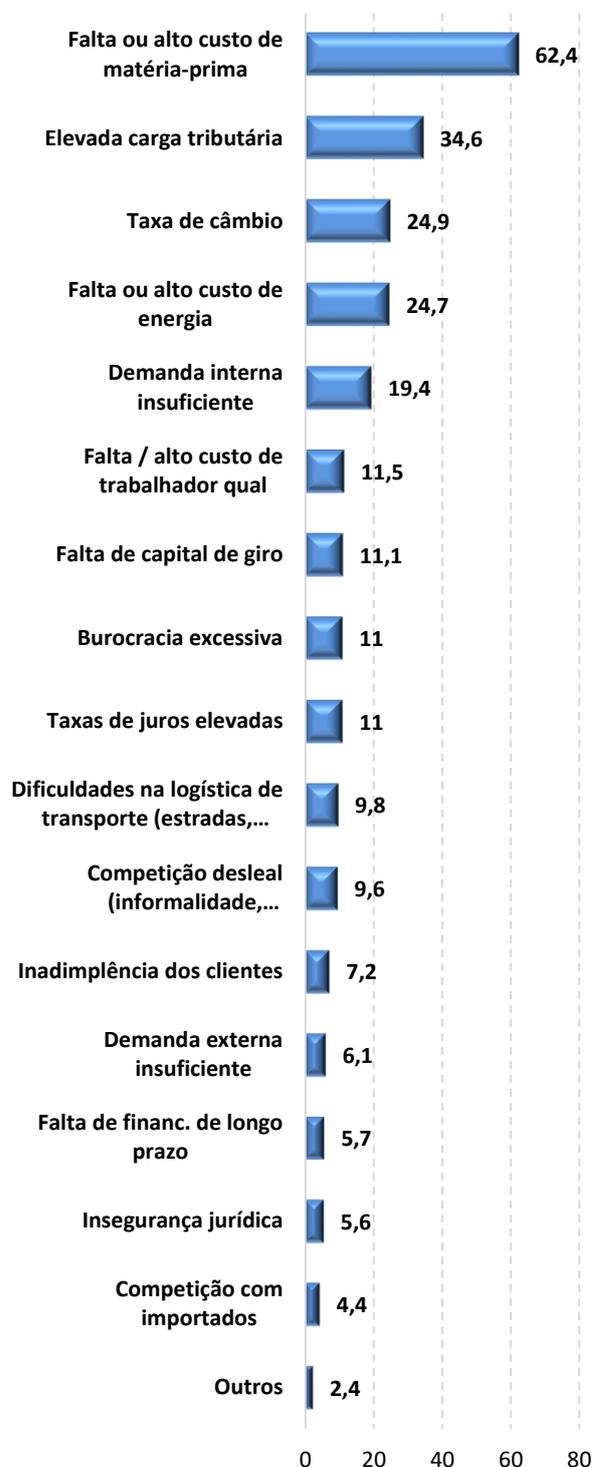
Por fim, cabe destacar as questões apontadas pelos empresários locais relacionadas à taxa de câmbio, que amplia o custo das importações e das obrigações externas do setor produtivo, e as dificuldades com logística e transporte, que não aparecia entre os principais problemas em setembro de 2020. Já a falta de capital de giro reduziu a frequência observada, corroborando com a melhora revelada na situação financeira das empresas na página anterior.

No plano nacional, para efeito de comparação com os principais problemas apontados pelos industriais da região do Grande ABC, também se destacam a falta ou alto custo das matérias primas e de energia, o crônico problema da carga tributária sobre o setor produtivo, a taxa de câmbio e a demanda interna insuficiente.

Neste recorte, para 11% dos gestores industriais pesquisados em setembro, a falta e ou alto custo de contratação da mão de obra qualificada também está entre os principais problemas enfrentados pelo setor, apesar de uma taxa de desemprego que tem flutuado em torno de 14% da força de trabalho. Fato que sugere o amplo desafio a médio e longo prazo em torno da dinâmica do mercado de trabalho. De um lado, a necessidade de estimular a atividade econômica e o sistema de educação acadêmica e de qualificação profissional, para ampliar as oportunidades de ingresso dos indivíduos no mercado de trabalho. De outro, a necessidade de conseguir alimentar o mercado de trabalho com trabalhadores qualificados para evitar um gargalo o progresso da economia a médio e longo prazos.

Por ora o grande desafio está em fomentar a retomada da atividade produtiva da economia brasileira, tendo em vista a queda das perspectivas de crescimento nos últimos meses, tanto pela equipe econômica do governo quando pelos analistas do mercado.

Principais Problemas ao Setor Industrial no Brasil - set/2021



Indicadores de Confiança da Indústria

O Índice de Confiança da Indústria (ICEI) em outubro de 2021 piorou, comparativamente a outubro de 2020.

Em outubro de 2020, o ICEI apontava significativa melhora em relação ao mesmo índice de outubro de 2019. Muito provavelmente influenciado pela perspectiva de uma retomada após a forte retração da atividade industrial no segundo trimestre de 2020.

Em setembro de 2021, com o processo de vacinação já avançado e menores índices de contaminação no contexto da pandemia, o indicador

da média de produção física industrial neste ano permanece semelhante ao observado entre 2017 e 2019, antes da pandemia.

Outro ponto a ser observado é a influência da baixa capacidade do governo em realizar as reformas prometidas e baixa efetividade das ações realizadas até o momento. Na composição do ICEI, as maiores reduções comparativamente a outubro de 2020 referem-se à avaliação das condições e perspectivas em torno da economia brasileira.

Indicador de Confiança da Indústria – outubro / 2021

	Brasil	Sudeste	São Paulo	GABC
ICEI	57,8	55,9	54,1	57,6
Indicador de Condições	51,5	49,9	49,9	50,5
Indicador de Expectativas	60,9	58,9	56,2	61,1
Condições da Economia	47,4	45,7	44,4	45,0
Condições da Empresa	53,5	52	52,7	53,3
Expectativas da Economia Brasileira	56,3	54,3	50,9	53,3
Expectativas da Empresa	63,2	61,2	58,8	65,0

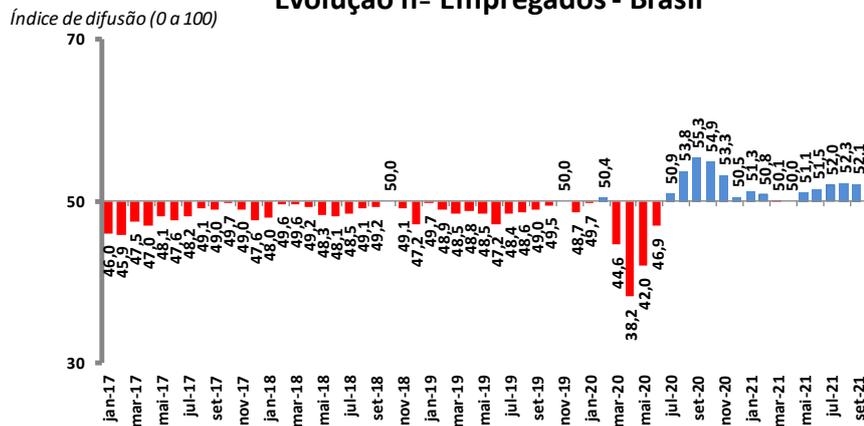
No Grande ABC, a redução na avaliação do ICEI ocorreu de forma mais branda, comparativamente aos recortes apontados na tabela acima. A maior retração na composição do índice de confiança da indústria do Grande ABC ocorreu na avaliação das condições da economia brasileira, comparativamente a outubro de 2020.

Ao que tudo indica, ao menos por ora, os próximos 12 meses, que serão marcados pelas

eleições majoritárias, não há perspectivas de significativas melhoras no cenário econômico nacional. Além das promessas reformistas e ou radicalizadoras, é crucial a capacidade de negociação política e agregadora dos postulantes aos cargos públicos eletivos nas próximas eleições.

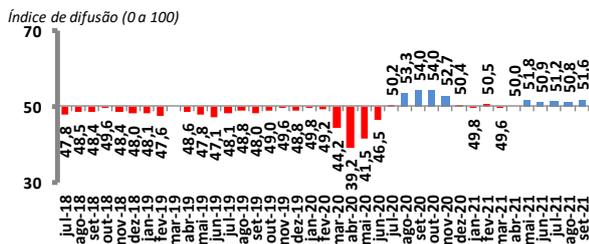
ANEXO

Evolução nº Empregados - Brasil

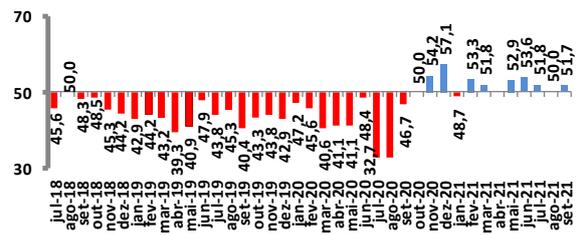


Evolução nº Empregados

SUDESTE



ABC



Observatório Econômico
Universidade Metodista de São Paulo
Escola de Gestão e Direito
Curso de Ciências Econômicas

Reitor

Dr. Márcio Oliverio

Diretor do Campus Rudge Ramos

Ms. Marcelo Santos

Coord. do Curso de Ciências Econômicas

Ma. Sílvia Cristina da Silva Okabayashi

Coordenador de Estudos

Dr. Sandro Renato Maskio

Professor Pesquisador

Dr. Moisés Pais dos Santos

[URL: http://www.metodista.br/observatorio-economico](http://www.metodista.br/observatorio-economico)



A serviço do desenvolvimento do Grande ABC.

Patrocine esta iniciativa!

E-mail: observatorio.economico@metodista.br

Tel: 4366-5035